

Menino ou menina? Preferência por sexo do filho no Brasil.

Morvan Moreira y Wilson Fusco.

Cita:

Morvan Moreira y Wilson Fusco (2017). *Menino ou menina? Preferência por sexo do filho no Brasil. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/1286>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MENINO OU MENINA? PREFERÊNCIA PELO SEXO DO FILHO – BRASIL – 2010

Morvan de Mello Moreira

morvan.moreira@fundaj.gov.br

Fundação Joaquim Nabuco

Brasil

Wilson Fusco

wilson.fusco@fundaj.gov.br

Fundação Joaquim Nabuco

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

No passado recente, os altos níveis de fecundidade experimentados pela população brasileira, com a geração de quatro filhos ou mais, permitia que os desejos de pais e mães quanto à composição por sexo dos filhos tidos fosse realizada, mesmo em uma eventual situação de desejos antagônicos. A partir dos anos de 1990 a taxa de fecundidade total declina de 2,98 filhos por mulher para 1,87 filhos por mulher em 2010, abaixo do nível de reposição e há indicativos de que ainda continue declinando nos próximos anos para atingir 1,55 filhos por mulher em 2025. A progressiva redução do número de filhos que as famílias têm e projetam ter, em razão da rápida e continuada queda da fecundidade observada no Brasil, faz emergir a questão da preferência do sexo dos filhos no Brasil. Com base na reconstrução parcial da história de nascimentos por sexo e ordem de nascimento, a partir dos dados do Censo Demográfico de 2010, é estabelecida uma medida da progressão da parturição, segundo sexo e número de filhos tidos, dada pela proporção de mães que progridem para a parturição superior. Entre as mulheres de 25-39 anos, segundo o sexo e a ordem dos filhos tidos, o diferencial entre as proporções daquelas com dois filhos que progridem para a parturição de ordem três é tomado como indicativo de preferência pelo sexo do filho. Os resultados encontrados indicam a preferência pelo casal de filhos e, na eventualidade do filho adicional, a preferência é por um filho homem.

ABSTRACT

The high levels of Brazilian fertility until recently allowed that the wishes of fathers and mothers on sex composition of the children would be fulfilled, even in an eventual antagonistic desire. From the 1990s the total fertility rate declined from 2.98 children per woman to 1.87 children per woman in 2010, below the replacement level, and there are signals that it will decline even more in the coming years to reach 1.51 children per woman by 2020. The progressive reduction in the number of children that families have and projected to have raises the question of the son preference in Brazil. Based on the partial reconstruction of birth history by sex and order, from data of 2010 Demographic Census, a measure of parity progression, according to sex and number of children, is established, given by the proportion of mothers progressing to higher parity. Among women aged 25-39, according to gender and order of children, the difference between the proportions of those with two children who progress to parity three is taken as indicative of son preference. The results indicate the preference for a couple of children and, in the eventuality of additional child, the preference is for a man.

Palavras Chave: Filho; Preferência por sexo; Brasil.

Keywords: Son; Sex preference; Brazil.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

No espaço de uma geração as mulheres brasileiras reduziram para a metade os níveis de fecundidade nacional, passando de 3,5 filhos por mulher, em 1985, para 1,7 filhos por mulher em 2015. Visto em um horizonte mais curto, a redução entre 2005 e 2015 foi da ordem de 20%, projetando-se que nos 10 anos seguintes os níveis de fecundidade se reduzirão outros 10%, atingindo a taxa de fecundidade total em torno de 1,5 filhos por mulher, em 2025. (IBGE, 2016, 2013)

Um das feições subjacentes à expressiva diminuição dos níveis da fecundidade brasileira foi o progressivo desaparecimento das manifestações não quantitativas quando se inquiria as mulheres brasileiras sobre o número de filhos que gostariam ter. A ausência de afirmações sobre o número de filhos desejados envolvendo respostas ao estilo “Quantos Deus mandar”; “Quantos Deus quiser”; “Deus é quem sabe”; “Vindo com saúde e perfeito é o que importa”; “Quantos vierem é bom”, “Não Sei”, constituem a mais clara manifestação de que o tamanho da prole, e seus requisitos maiores, a disponibilidade e o acesso aos meios de efetivo controle da fecundidade, e as condições para tal, passaram a fazer parte do domínio das escolhas/práticas das mulheres brasileiras. O grau de similitude entre o número de filhos tidos e o desejado identifica a dimensão com que as intenções reprodutivas se efetivam e a redução no número de filhos desvela a preferência pelo sexo do filho. Preferência essa até então encoberta pelo grande de número de filhos, garantindo a realização das preferências por sexo de mães e pais, mesmo quando antagônicas. É no espaço da baixa fecundidade que a preferência por filhos homens ou filhas mulheres constitui fator atenuador/promotor da queda da fecundidade. Assim, em uma condição em que a preferência é por filhos homens a fecundidade é mais facilmente reduzida. Isto porque, por razões biológicas, a probabilidade de nascimentos do sexo masculino é mais elevada do que a de nascimentos do sexo feminino, e, dessa forma, a preferência pelo filho homem é mais facilmente realizada, resultando em menor incentivo a um filho adicional, o que implicaria em menores níveis de fecundidade. O inverso se dá quando a preferência é pela filha mulher: nascimentos do sexo masculino incentivaria a busca de um nascimento adicional na esperança do nascimento de uma filha. Entretanto, quando o desejo maior é pela prole reduzida o efeito preferência pelo sexo é atenuado.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A preferência pelo sexo dos filhos apresenta importantes repercussões sobre a família assim como sobre o bem estar e sobrevivência do nascido, refletido em diferenciais de mortalidade infantil por sexo, assim como sobre seu futuro, a exemplo da sua educação e saúde, em razão de desigualdades na alocação de recursos por sexo (DAHL; MORETTI, 2008; PALLONI, 2017).

Respalhada por fatores religiosos, culturais e institucionais, principalmente em sociedades patrilineares ou entre aquelas em que a continuidade do nome da família é requerida ou o filho é identificado como o futuro provedor, a preferência pelo sexo dos filhos recai sobre os filhos do sexo masculino. Há uma multiplicidade de países onde, a exemplo da China e da Índia, prevalece a preferência pelo filho homem. O sistema de parentesco, no qual o dote reduz os retornos econômicos das filhas e os filhos homens aportam maiores benefícios à família, determina a preferência pelo filho, qual seja, em tal situação, os filhos são mais valiosos para a família do que as filhas. Na ausência do feticídio ou infanticídio feminino, uma das consequências desta preferência pelo filho homem é que o eventual nascimento do sexo feminino estimula os pais a buscarem por outro nascimento, na esperança gerarem um filho homem, constituindo-se esse viés de preferência fator de aumento dos níveis da fecundidade. Naqueles que por imperativo da lei, como o caso da China, como naqueles em que ocorre a seleção pré-natal do sexo, facilitada pela tecnologia do ultrassom ou por uma legislação permissiva sobre o aborto, mesmo que legalmente proibido, como é o caso da Índia, as razões de sexo ao nascer apontam profundos diferenciais entre nascimentos de meninos vis-à-vis nascimentos de meninas (DAS GUPTA et al., 2003; GUILMOTO, 2009; FUSE, 2010; ROSSI; ROUANET, 2015).

No Brasil, o tratamento explícito da temática da preferência por sexo dos filhos é encontrado unicamente em capítulo da tese de Coutinho (2016).

É objetivo deste trabalho realizar análise exploratória da existência da preferência pelo sexo dos filhos no Brasil tendo como base os microdados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2012).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Dados e Método

As informações que possibilitam identificar a preferência por sexo dos filhos são provenientes do Censo Demográfico de 2010, que permitem a reconstrução parcial do histórico dos nascimentos em termos do sexo e a ordem dos filhos tidos pelas mulheres em idades reprodutivas. O indicador da preferência pelo sexo dos filhos assenta-se sobre a proporção de mulheres que tendo dois filhos progridem para a parturição de ordem três.

Este trabalho resente do fato de que a possibilidade de reconstruir o histórico de nascimentos com base nos dados censitários é limitada, tanto porque diz respeito aos filhos sobreviventes, como em razão de não ser possível, com total segurança, alocar todos os filhos às suas mães. Em consequência a reconstrução do histórico de nascimentos constitui-se em uma amostra, ainda que em números significativos, da efetiva situação.

A reconstrução da maternidade dos filhos se fez por meio da informação sobre a relação de parentesco dos moradores com o responsável pelo domicílio. A alocação dos filhos às mães (mães sobreviventes), apenas dos filhos sobreviventes residentes no domicílio, restringiu-se às mulheres responsáveis pelo domicílio (identificando os “filhos” na relação de parentesco com o responsável) e àquelas cônjuges do chefe do domicílio (identificando os “enteados” na relação de parentesco da cônjuge com o responsável ou filhos do responsável e da cônjuge). Essas duas feições constituem a quase totalidade das informações dos domicílios pesquisados, particularmente no que respeita às mulheres mais jovens e aquelas com menores números de filhos. Outras possibilidades de reconstrução da maternidade foram deixadas de lado, tanto pelo pequeno número de casos, como também pela incerteza quanto à “verdadeira” mãe. Isto a exemplo de neto e filha ou nora do responsável pelo domicílio, mesmo que fosse apenas uma filha ou nora a residir no domicílio, assim como a presença de bisneto e neta.¹

¹ Sobre a reconstituição da história de nascimentos com base nos dados censitários de 2010 veja-se: Miranda-Ribeiro (2007). No Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2012) foram considerados na relação de parentesco: 01 – Pessoa responsável pelo domicílio; 02 – Cônjuge ou companheiro(a) de sexo diferente; 03 – Cônjuge ou companheiro(a) do mesmo sexo; 04 – Filho(a) do responsável e do cônjuge; 05 – Filho(a) somente do responsável; 06 – Enteadado(a); 07 – Genro ou nora; 08 – Pai, mãe, padrasto ou madrastra; 09 – Sogro(a); 10 – Neto(a); 11 – Bisneto(a); 12 – Irmão ou irmã; 13 – Avô ou avó; 14 – Outro parente; 15 – Agregado(a); 16 – Convivente; 17 – Pensionista; 18 – Empregado(a) doméstico(a); 19 – Parente do(a) empregado(a) doméstico(a); 20 – Individual em domicílio coletivo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os dados reconstituídos por ordem de parturição e sexo dos filhos, por grupos de idades das mães, foram tomados como amostra e a distribuição da parturição por idade das mães e sexo dos filhos tidos expandidos para a população total.

A progressão da parturição, com base nos dados de parturição segundo número de filhos tidos por idade da mãe, permite estabelecer as proporções de mães de uma determinada parturição e idade a progredirem para a parturição superior. Assim, para a idade da mãe (ou grupos de idades das mães), tendo em conta o sexo dos filhos tidos por nível de parturição, a dimensão da progressão da parturição constituiria um indicador da preferência por sexo do filho. O diferencial do nível da progressão para parturições superiores tendo em conta o sexo do filho prévio, ou a composição por sexo dos filhos previamente tidos, sinalizaria a disposição do aumento na fecundidade na busca de um filho de um sexo desejado ou composição por sexo desejado, qual seja, preferência por sexo do filho.

III. Análise e discussão dos dados

Na Tabela 1 são apresentados os percentuais de progressão da parturição dos grupos quinquenais de idades 25-29 anos a 35-39 anos porquanto grupos de menores idades ainda estão em processo de ampliação do número de filhos a ter, e assim indiferentes ao sexo do filho, enquanto os de idades superiores já estão a concluir a fecundidade e possivelmente se conformariam com o sexo dos filhos que vierem a ter, porque teriam como prioridade o encerramento da reprodução. Ademais é muito mais provável que nas idades mais velhas as proporções de filhos que já não residem no domicílio sejam mais elevadas, eventualmente viesando os resultados quando expandidos para esses grupos de idades. Também as mulheres mais velhas podem apresentar maior fração de filhos não identificados no domicílio em que residem porque muitas já não estão em união e os filhos vivem com o pai ou a família do pai ou essas mães não unidas vivem no domicílio de seus pais junto com seus filhos e com outras irmãs e eventualmente seus filhos (situação do neto no domicílio).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tabela 1 – Proporção de mulheres com dois filhos que tiveram filho adicional por grupos de idades segundo o sexo dos dois filhos de acordo com a ordem de nascimento

Sexo dos Filhos por ordem de nascimento	Grupos de idades		
	25-29 anos	30-34 anos	35-39 anos
Mulher-Mulher	48,7	55,3	57,7
Homem-Homem	43,8	53,2	55,7
Mulher-Homem	41,9	49,4	52,6
Homem-Mulher	41,3	47,5	56,4

Fonte dos dados brutos: IBGE. Censo Demográfico de 2010.

Em primeiro lugar os resultados sugerem que as gerações de mulheres de 25-29 anos que já têm dois filhos apresentam menores proporções a ter um terceiro filho do que as de 30 anos de idade, independente da composição por sexo dos filhos tidos. As de 30-34 anos, por sua vez, em relação às de 35-39 anos, apresentam diferenças quanto ao desejo pelo terceiro filho, quando considerados os sexos dos filhos tidos.

Mulheres de 25-29 anos, assim como as de 30-34 anos, apresentam menores proporções tendo um terceiro filho quando o par de filhos é de sexo distinto. Entre elas, a ordem de nascimento impõe uma ligeira distinção de comportamento: é menor o percentual de progressão para o terceiro filho quando o primeiro filho é do sexo masculino. Elas se assemelham na condição que as leva ao terceiro filho quando os filhos são do mesmo sexo: tanto as mães de 25-29 anos quanto as de 30-34 anos, em maior proporção, buscariam ter um terceiro filho quando ambos fossem do sexo feminino.

Mulheres de 35-39 anos apresentam um perfil um pouco distinto daquele das mulheres de 25-34 anos: apenas quando o par de filhos é de sexo distinto e o nascimento de menino ocorre após o de menina é que a proporção das que buscam o terceiro filho é menor. Nesse grupo etário, a segunda menor proporção das que adentram à parturição três é das mulheres com dois filhos homens.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os resultados advindos do comportamento observado entre as mulheres de 25-39 anos sugerem uma preferência por filho de sexo masculino. Isto porque se mais acomodadas quando o par de filhos inclui um nascimento do sexo masculino – os dois menores percentuais a levar à parturição três - também a proporção que atinge a parturição três é menor quando já têm dois filhos do que quando têm duas filhas. No grupo 30-34 os indicativos são um pouco mais fortes porquanto as menores mudanças em direção ao filho adicional ocorrem quando a mulher tendo uma filha gera um filho e também quando tem um par de filhos.

IV. Conclusão

Os dados do Censo Demográfico de 2010 indicam que no Brasil a preferência é pelo casal de filhos, qual seja pelo menos um filho e uma filha e na eventualidade do filho adicional a preferência é por um filho. Ambas as filhas meninas induzem a aumento da fecundidade em uma proporção maior do que quando ambos são meninos.

Os resultados devem ser considerados com relativa cautela por advirem de uma reconstrução parcial da história de nascimentos a partir das informações sobre as relações de parentesco com o responsável pelo domicílio, alocando-se filhos sobreviventes à mães sobreviventes, quando ambos são residentes no domicílio. Nesse sentido os resultados encontrados devem ser considerados tão somente como indicativos a serem cotejados com informações mais precisas de história de nascimentos.

V. Referências

- COUTINHO, Raquel Z. *The Transition to Low Fertility in Brazil*. Tese (Doutorado em Sociologia) - University of North Carolina at Chapel Hill, 2016.
- DAHL, Gordon B.; MORETTI, Enrico. The Demand for Sons. *Review of Economic Studies*, v.75, n. 4, p. 1085–1120, Oct. 2008.
- DAS GUPTA, Monica; ZHENGHUA, Jiang; BOHUA, Lia; ZHENMING, Xie; CHUNG, Woojin; HWA-OK, Bae. Why is Son Preference so Persistent in East and South Asia? A Cross-Country Study of China, India, and the Republic of Korea. *The Journal of Development Studies*, v. 40, n.2, p. 153-187, 2003.
- FUSE, Kana. Variations in attitudinal gender preferences for children across 50 less-developed countries. *Demographic Research*, v. 23, n. 36, p.1031-1048, 2010.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

GUILMOTO, Christophe Z. The sex ratio transition in Asia. *Population and Development Review*, v.35, n.3, p.519-549, Sep. 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFÍA E ESTATÍSTICA. *Retroprojeção da População do Brasil por sexo e idade: 2000-1980*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

_____. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

_____. *Censo Demográfico 2010: Microdados da Amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MIRANDA-RIBEIRO, Adriana. *Reconstrução de Histórias de Nascimentos a partir de Dados Censitários: aspectos teóricos e evidências empíricas*. Tese (Doutorado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

PALLONI, Giordano. Childhood health and the wantedness of male and female children. *Journal of Development Economics*, v. 126, p. 19–32, May 2017.

ROSSI, Pauline; ROUANET, Léa. Gender Preferences in Africa: A Comparative Analysis of Fertility Choices. *World Development*, v. 72, p. 326–345, 2015